

ORGANIZADORAS

Fernanda Wanderer

Camila Alves de Melo

Ana María Bermúdez Alfaro

RASTROS DO NEOLIBERALISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO



ORGANIZADORAS

Fernanda Wanderer

Camila Alves de Melo

Ana María Bermúdez Alfaro

RASTROS DO NEOLIBERALISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO



| São Paulo | 2023 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R231

Rastros do neoliberalismo no campo da Educação /
Organizadoras Fernanda Wanderer, Camila Alves de Melo e
Ana María Bermúdez Alfaro. – São Paulo: Pimenta Cultural,
2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-801-0

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.98010

1. Educação. 2. Neoliberalismo. 3. Políticas curriculares.
4. Estudos pós-estruturalistas. I. Wanderer, Fernanda
(Organizadora). II. Melo, Camila Alves de (Organizadora).
III. Alfaro, Ana María Bermúdez (Organizadora). IV. Título.

CDD: 370

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação.

Jéssica Oliveira • Bibliotecária • CRB-034/2023

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Bieging
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Pikisuperstar, Kenshinstock, Freepik - Freepik
Tipografias	Acumin, Belarius Sans
Revisão	Os autores e os organizadores
Organizadores	Fernanda Wanderer Camila Alves de Melo Ana María Bermúdez Alfaro

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



8

*Camila Alves de Melo
Renata Sperrhake*

QUAL LEITURA E QUAL LEITOR ESTÃO EM PAUTA NA PLATAFORMIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LEITURA?²⁹

A plataformização é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Ela também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas. (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020, p. 2)

No contexto atual, que pode ser lido a partir da compreensão de “sociedade de plataforma” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018) ou de “plataformização da vida”, boa parte de nossas atividades cotidianas são intermediadas por plataformas digitais que estão integradas a dispositivos que fazem parte de nosso cotidiano (como os *smartphones*). Nessas plataformas, nossas interações transformam-se em dados processados algorítmicamente e que podem ser disponibilizados a terceiros para diferentes fins (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020). Alimentação, transporte, educação, trabalho, relacionamentos e, inclusive, a leitura são alvo do processo de plataformização. Aqui, é possível produzir uma conexão com o neoliberalismo, entendido como um conjunto de práticas organizadas que se espraiam sobre diferentes campos da vida (BALL, 2014). Para Dardot e Laval (2016, p. 7), o neoliberalismo é uma racionalidade que produz e orienta as condutas e as formas de viver, é um “sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida”.

Malini (2021), ao discutir os dados da 5ª e última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, observa algumas transformações nos leitores e nas leituras quando em contato com plataformas digitais. Nesse cenário que o autor denomina de “plataformização da leitura”, a mediação feita pelos algoritmos tende a definir aquilo que será lido e, por consequência, a moldar o comportamento dos leitores. Se antes eram pessoas reais – familiares, professores e bibliotecários – as principais atuantes na indicação de leituras, hoje abre-se espaço para que uma série de operações sobre uma quantidade finita de dados encaminhe o leitor para a sua próxima leitura.

Para mediar leituras e leitores, em especial na escola, ainda contamos com os agentes anteriormente citados: professores e bibliotecários. No entanto, insere-se, nessa relação, um instrumento diferente: as plataformas de leitura, adquiridas por redes públicas e privadas com a intencionalidade de auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem. Essas plataformas de leitura são, em sua maioria, iniciativas do setor privado e se apresentam como espaços em que acervos de livros digitais e livros digitalizados (KIRCHOF; MELLO, 2020) são disponibilizados aos estudantes e seus professores, porém as funcionalidades não se resumem ao acesso às obras.

Neste texto, tomaremos como foco duas plataformas de leitura escolhidas para a rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul no contexto do ensino remoto decorrente da pandemia de Covid-19: Elefante Letrado e Árvore. Iremos analisar alguns elementos da apresentação das plataformas de leitura digital Elefante Letrado e Árvore à comunidade da rede estadual, por meio dos materiais disponibilizados no canal do YouTube "TV Seduc RS"³⁰. Ao olhar para essas materialidades, objetivamos compreender quais representações de leitura e de leitor estão em jogo nos discursos ali difundidos. A partir da perspectiva teórica em que nos inscrevemos, esses discursos são compreendidos como "Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam." (FOUCAULT, 2012, p. 60), ou seja, eles criam realidades possíveis, instituem certas práticas, produzem determinados efeitos de verdade sobre como ler e ser leitor neste tempo histórico.

De acordo com o Secretário da Educação da época, em notícia veiculada no site do governo do estado do Rio Grande do Sul (RS), a aquisição das plataformas citadas visou atender "[...] a uma demanda da comunidade escolar que ficou sem acesso às obras literárias durante a pandemia de coronavírus" (GOVERNO..., 2020). Nesse sentido, apresentamos, a seguir, a cronologia de fatos que

30

Disponível em: <https://www.youtube.com/@TVSeducRS/videos>.

levou o governo do estado a essa decisão. Em dezembro de 2019, foram veiculadas nas mídias as primeiras notícias sobre casos de infecção por Coronavírus na China. A confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil ocorreu em fevereiro do ano seguinte. No Rio Grande do Sul, as aulas da rede estadual de ensino iniciaram em 18 de fevereiro de 2020. O primeiro caso de infecção confirmado no referido estado é datado de 10 de março de 2020. Alguns dias depois, em 19 de março, foi anunciada a suspensão das aulas presenciais na rede, retomadas em 1º de junho por meio do chamado ensino remoto emergencial. Por fim, em novembro de 2020, ocorreu a apresentação das plataformas de leitura digital para a rede.

Inicialmente, a aquisição das plataformas custou 32,5 milhões e foi feita via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), por meio de contrato anual. A plataforma Elefante Letrado teve o custo de 9,42 milhões e a Árvore 23,1 milhões. A primeira é voltada ao público dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, já a segunda é destinada aos Anos Finais e Ensino Médio. No ano de 2020, eram aproximadamente 250 mil estudantes matriculados nos Anos Iniciais e 550 mil nos Anos Finais e Ensino Médio. O acesso tanto dos estudantes quanto de seus professores às plataformas se deu via Google Sala de Aula, ferramenta da plataforma *Google for Education*, outra grandiosa aquisição feita pelo estado. Ademais, é interessante ressaltar que não só a rede estadual aderiu às plataformas, mas também as diversas redes municipais, principalmente em razão da facilitação no processo de adesão proporcionada pelo governo do RS (ESTADO..., 2021).

A apresentação das plataformas de leitura digital à comunidade da rede estadual de ensino foi feita via *lives*, que são vídeos transmitidos ao vivo, ocorridas de novembro de 2020 a julho de 2021. No total, 15 vídeos compunham o material relacionado às plataformas de leitura (Quadro 1):

Quadro 1 – Vídeos relacionados às plataformas de leitura

	Título do vídeo	Data	Duração do vídeo
1	Webinário de apresentação das plataformas de leitura	25/11/2020	48:30
2	Live Capacitação: Apresentação das Funcionalidades do Elefante Letrado	30/11/2020	54:06
3	Live Árvore: Como a leitura pode transformar sua aula	01/12/2020	37:16
4	Como a leitura pode transformar sua aula (Árvore)	01/12/2020	35:58
5	Tira dúvidas – Árvore	02/12/2020	41:56
6	Tira dúvidas – Elefante Letrado	02/12/2020	35:50
7	Live Árvore (Ensino Médio) – A importância da leitura nos estudos para o vestibular e para a vida	03/12/2020	38:10
8	Live Árvore – Como a leitura pode ser divertida	03/12/2020	29:04
9	Live Estudantes: para descobrir um mundo de histórias no Elefante Letrado	03/12/2020	16:22
10	Plataforma Digital Árvore	19/04/2021	00:30
11	Plataforma Digital Elefante Letrado	19/04/2021	00:26
12	Formação Árvore – Polo 1 – 1ºCRE, 2ºCRE, 11ºCRE, 12ºCRE, 27ºCRE e 28ºCRE	03/05/2021	01:10:34
13	Formação Árvore – Polo 5 – 5ºCRE, 13ºCRE e 18ºCRE	06/05/2021	01:06:42
14	Formação Elefante Letrado Polo 1	10/05/2021	39:22
15	Plataformas de Leitura na rede estadual	21/07/2021	03:09

Fonte: autoria própria.

Após a transmissão ao vivo (*live*), esses materiais foram disponibilizados como vídeos públicos, ou seja, abertos a qualquer interessado no Canal TV Seduc RS no YouTube. Porém, atualmente, a maioria deles foi tornado “privado”, o que impede sua visualização. Apenas três deles ainda estão disponíveis (10, 11 e 15 do referido quadro).

Neste texto, iremos utilizar como materialidade para as análises o primeiro vídeo, intitulado “Webinário de apresentação das plataformas de leitura”, de 25 de novembro de 2020, totalizando 48 minutos e 30 segundos de exposição. Este foi o momento inaugural, com falas de dirigentes públicos envolvidos e, principalmente, com exposições dos agentes por trás das plataformas, os quais apresentaram o funcionamento e os atrativos de seus produtos. Nos primeiros 14 minutos, falaram a Diretora do Departamento Pedagógico da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul e o Secretário Estadual de Educação; na sequência, houve uma exposição, de aproximadamente 15 minutos, da diretora responsável pela plataforma Elefante Letrado e, depois, 16 minutos com a apresentação feita pela diretora pedagógica da Árvore. Os minutos finais foram de encerramento, realizado pela Diretora do Departamento Pedagógico da rede estadual. Importante ressaltar que, na exposição de ambas as plataformas, a apresentação das representantes contou com a leitura de texto previamente elaborado, a exposição de vídeo promocional e a demonstração de uso e de funcionalidades das plataformas. A partir de agora, iremos expor e analisar as materialidades, apontando o que foi apresentado na ocasião. Primeiramente, iremos descrever alguns aspectos do que foi ressaltado sobre o funcionamento de cada plataforma, a fim também de fornecer uma visão de como configuram-se esses espaços; na sequência, iremos refletir sobre nosso objetivo: qual leitura e qual leitor estão em pauta nos discursos que por ali circularam?

Começando pelo Elefante Letrado, a diretora da plataforma apresenta as funcionalidades, mostrando primeiramente o perfil de acesso do estudante, ou seja, o que o aluno vê ao ingressar na plataforma. Menciona que na guia que fica na parte superior, o aluno pode visualizar a quantidade de livros lidos, seu tempo total de leitura, a quantidade de livros escutados e os pontos ganhos, visto que é uma plataforma gamificada, oferecendo recompensas conforme a interação do estudante com o conteúdo. Outra presença nesse perfil

do aluno é um termômetro, que, segundo a diretora, é uma “meta de leitura que pode ser ou não estipulada pelo professor”, ou seja, o docente estabelece um objetivo de leitura para seus estudantes, e eles podem visualizar seu rendimento para alcançar o que foi estabelecido. Ela também salienta que a plataforma tem “mais de 3 mil questões pensadas para cada um dos acervos”.

Ainda no Elefante Letrado, no perfil do professor, é possível ter um panorama sobre a turma, observando a quantidade de livros lidos, de livros escutados, de avaliações respondidas e de avaliações aprovadas. Além disso, a plataforma traz um gráfico que caracteriza a turma de acordo com o nível de leitura. Também, no perfil do professor, é possível certificar os alunos a partir da produção de um documento que traz o seguinte texto: “Certificamos que Carolina Corrêa leu 4 livros na Plataforma Elefante Letrado durante o período [...] sendo 1 do nível 1 e 3 do nível 2.”

Outra função da plataforma é registrar a performance geral do aluno, da turma e da escola. Essa funcionalidade está dividida em dois eixos, sendo o primeiro o hábito da leitura, que quantifica o tempo de leitura e o total de livros. O segundo é composto pelos descritores de compreensão leitora, alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ao fazer as atividades disponíveis na plataforma, o sistema calcula uma porcentagem que representa o quanto o aluno, ao responder a tarefa, atingiu determinada habilidade de compreensão.

Na Árvore, a diretora ressalta que é composta por “prateleiras curadas” de acordo com diferentes temáticas. Também salienta que há uma organização prévia visando auxiliar os docentes: “a gente traz a categoria, o idioma, a série recomendada, para ajudar no planejamento do professor”. São plataformas que, embora sejam originalmente destinadas a promover o acesso à leitura, paulatinamente se espraiam sobre o trabalho docente ao fornecer informações sobre quais e quantos livros estão sendo ou devem ser lidos pelos estudantes, assim como informações sobre o tempo de leitura e a compreensão leitora.

A Árvore também é uma plataforma baseada em recompensas e gamificação. As leituras realizadas geram pontos que levam a um ranqueamento mensal dos usuários dentro da plataforma, função denominada Liga dos leitores, que os classifica em elos de Bronze, Prata, Ouro, Platina e Diamante. Além disso, a leitura realizada também gera “gotas d’água” que alimentam as árvores do jogo presente na plataforma. O perfil do professor na Árvore permite quantificar livros lidos, horas de leitura, alunos cadastrados e livros indicados. Também, dá a opção de visualizar alunos e turmas que mais leram no ano.

Findada essa parte mais descritiva, passamos a analisar alguns trechos das falas das representantes das plataformas, visando identificar, primeiramente, qual leitura está em evidência nos discursos difundidos. Nossa análise aponta para três tipos de leitura: personalizada, gamificada e quantificada.

Primeiramente, a leitura personalizada aparece quando a diretora do Elefante Letrado afirma que a plataforma “[...] faz uma análise de complexidade textual [...] verifica quantidade de texto, a temática, o gênero textual, o tipo de ilustração, a quantidade de frases complexas ou não para fazer um nivelamento de acordo com as necessidades e possibilidades das crianças.” Ainda dentro dessa personalização, na Árvore, cada estudante vai sendo guiado individualmente às suas próximas leituras a partir da forma como interage com a plataforma, com “sugestões de acordo com os cliques que você dá”. Percebemos que a personalização da leitura é feita pela própria plataforma, utilizando-se de algoritmos que, por sua vez, baseiam-se nos dados de leitura dos estudantes. Ainda que tal personalização possa ser, em alguma medida, interessante, uma vez que a leitura de livros de nível adequado ao leitor pode ser uma maneira de garantir o êxito da leitura, também é possível questionarmos se a proposição de livros desafiantes e fora da zona de conforto dos leitores não seria uma estratégia para o avanço na aprendizagem da leitura e no fomento à própria prática de ler.

É também uma leitura gamificada, pois “as crianças vão interagindo ludicamente nas suas diversas trilhas literárias, eles têm a opção de fazer as escolhas [...]” (Elefante Letrado). A diretora da Árvore também menciona: “A nossa plataforma, ela é gamificada, e a gente pode plantar novas árvores. Os alunos podem se engajar na liga de leitores. Diferentes aspectos da gamificação que trazem esse aluno para ler de uma maneira gamificada.” Segundo Figueiredo, Paz e Junqueira (2015, p. 1154) “Os processos de apropriação de elementos da mecânica, estética e dinâmica de jogos eletrônicos em atividades e objetos têm constituído um campo de práticas e pesquisas em torno do que vem sendo chamado de gamificação.” Além disso, as autoras apontam que a gamificação “[...] não envolve necessariamente atividades com jogos eletrônicos, mas a aplicação da lógica dos *games* em diferentes contextos, como o contexto escolar”. Baseando-se em Vianna *et al.* (2013), Figueiredo, Paz e Junqueira (2015, p. 1156, grifo nosso) afirmam que “[...] pode-se dizer que a gamificação refere-se ao uso de mecanismos e dinâmicas de jogos para a resolução de problemas e para a motivação e o engajamento de um determinado público em uma atividade ou tarefa”. Nesse sentido, as plataformas analisadas neste texto podem ser caracterizadas como gamificadas, visto que contemplam desafios e acúmulo de pontos, aliados ao prazer e ao entretenimento, com o objetivo de motivar e engajar crianças e adolescentes na leitura. Sem dúvida, ler tendo como entorno da prática de leitura esses elementos gamificados produzem formas de ler distintas, assim como formas de ser leitor também distintas. Questionamos se é esse o tipo de leitura que queremos produzir, um leitor que lê para ganhar pontos, avançar fases, destravar estantes e acumular páginas lidas.

É uma leitura quantificada, uma vez que diversos aspectos da leitura são medidos e transformados em informações numéricas: “é bom que vocês saibam que existe por trás dessa leitura um algoritmo que calcula a velocidade mínima necessária para considerar que o livro está lido.” (Elefante Letrado). Outra fala que converge

nesse sentido é a que menciona: “[...] alternativas para que professores e gestores acompanhem dados sobre a leitura dos seus alunos” (Árvore). A experiência da leitura, apesar de não ser diretamente passível de mensuração, é inserida em uma prática de quantificação de aspectos que podem ser numericamente caracterizados, o que permitiria ao professor ter informações sobre cada aluno e sobre a turma: “mentes calculáveis, indivíduos administráveis”, afirma Rose (2008, p. 156). Nesse sentido, vemos que essa leitura quantificada se insere em um dispositivo mais amplo, muito presente na racionalidade contemporânea e que, em alguma medida, se relaciona com as práticas neoliberais. Esse dispositivo é chamado de Numeramentabilidade, neologismo criado por Bello (2012) e Bello e Traversini (2011), como um conceito que designa “[...] a combinação entre artes de governar e as práticas de numerar, medir, contabilizar, seriar e que, num viés normativo, orientariam a produção enunciativa de práticas contemporâneas”. Esse entendimento foi ampliando posteriormente por Sperrhake (2016) e Sperrhake e Bello (2019, p. 2), que passaram a tratar do termo tomando-o como um dispositivo para “[...] analisar a constituição de práticas que colocam em funcionamento visibilidades e dizibilidades numéricas a fim de produzir saberes e conduzir condutas”. A partir dessa lente conceitual, podemos compreender que as práticas de quantificação presentes nas plataformas de leitura se inserem nesse dispositivo ao colocar em funcionamento modos de ver e modos de dizer sobre as práticas de leitura das crianças e dos jovens, ao mesmo tempo em que produzem essas práticas.

Nessas representações de leitura – personalizada, gamificada e quantificada –, estão envolvidas questões de performatividade. Essa ênfase nos números, que são inegavelmente instrumentos investidos de poder no governo dos sujeitos (ROSE, 1991), se sobressai nos discursos produzidos pela quantificação da prática de leitura e pode indicar uma supervalorização da performance. A performatividade, de acordo com Ball (2002, p. 4) é

[...] uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meios de controlo, atrito e mudança. Os desempenhos [...] servem como medidas de produtividade e rendimento, ou mostras de “qualidade” ou ainda “momentos” de promoção ou inspeção. Significam, englobam e representam a validade, a qualidade ou valor de um indivíduo ou organização dentro de um determinado âmbito de julgamento/avaliação.

Fica evidente esse aspecto da “mostra da qualidade” quando certifica-se quantos livros se leu, ou visualiza-se aqueles que leram mais. Aliás, são várias as notícias veiculadas que destacam a premiação de estudantes, por exemplo, em Caxias do Sul, sob a manchete de: “Educação premia estudantes leitores mais assíduos das plataformas digitais” (EDUCAÇÃO..., 2021), destaca os 30 estudantes mais assíduos nas plataformas e as turmas com maiores tempos de leitura registrados. Semelhante a esse caso, em Erechim foi anunciado em notícia: “Conhecidos os estudantes vencedores do projeto Elefante Letrado” (CONHECIDOS..., 2022), evidenciando a premiação de três estudantes com maior tempo de leitura (em horas) na plataforma. Boa parte das vezes, ao tematizar as plataformas de leitura em notícias veiculadas por diferentes meios, os holofotes são direcionados às premiações e também aos números, como vemos nesta manchete: “Em um mês, alunos da rede municipal leram mais de 79 mil livros, em Sapucaia [do Sul]” (EM UM MÊS..., 2019).

Nesse sentido, ainda que de forma “lúdica” e destinada ao público infantil e infantojuvenil, vemos aqui um “novo conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Quem lê mais? Quem lê em menos tempo? A concorrência como elemento constitutivo da prática de leitura, numa perspectiva neoliberal, aparece não apenas nessas plataformas de leitura, mas também nos movimentos chamados de “Bookstagram” ou “Booktube”, como apontado por Melo (2022) em

sua tese de doutorado. A autora refere que “No âmbito da performatividade como modo de regulação que se serve de comparação (BALL, 2002), os leitores usam as exposições de métricas para comparar-se uns aos outros sob o princípio de competição, característico do [...] neoliberalismo [...]” (MELO, 2022, p. 117).

Em análise sobre os algoritmos envolvendo a Amazon, Chartier aponta para “[...] a tirania dos algoritmos que transformam [...] leitores em séries de dados, desvelando o perfil do seu cérebro e do seu coração.” (CHARTIER, 2020, p. 102). Embora sejam contextos e práticas diferentes, podemos fazer uma aproximação entre a análise de Chartier e a nossa, na perspectiva do movimento feito pelos algoritmos que, no caso das plataformas aqui analisadas, também transformam esses leitores em uma série de dados, expressos em uma linguagem estatística, por meio de gráficos e percentuais. Assim, percebemos que “O indivíduo é normalizado em relação a agregados estatísticos a partir dos quais características específicas podem ser atribuídas ao indivíduo e de acordo com as quais uma trajetória de vida pode ser mapeada e seu desenvolvimento monitorado e supervisionado” (POPKEWITZ; LINDBLAD, 2001, p. 125).

A partir do que foi apresentado, também nos questionamos sobre qual leitor está em evidência nesses discursos. É um leitor que, concomitantemente, deve: (1) criar o hábito da leitura e (2) desenvolver habilidades de compreensão leitora, (3) em alinhamento ao que está previsto na Base Nacional Comum Curricular. Salientamos algumas falas que vão ao encontro desses três eixos:

"[...] é bem importante que a gente atente para o fator tempo, pois é isso que vai garantir que a criança desenvolva o hábito e a compreensão leitora". (Elefante Letrado)

"[...] há uma coluna bem clara para indicadores de hábito de leitura, que eu meço por tempo e total de livros; e na outra parte os descritores de compreensão leitora, aqueles que apresentam na BNCC". (Elefante Letrado)

"[...] possibilita o trabalho com a leitura que aborda questões fundamentais sobre o texto, sem perder de vista a importância de desenvolver o prazer pela leitura". (Árvore)

[na área do educador] "lá a gente tem as sequências didáticas alinhadas à BNCC, que fornece as propostas prontas para aprofundar nos diversos gêneros discursivos". (Árvore)

Refletimos sobre a classificação dos livros por grupos etários, sugerida pela organização das plataformas, a partir do que propõe Lewis, quando menciona que essa classificação:

[...] tão apreciada pelos editores [e não só eles], tem apenas uma relação muito tênue com os hábitos de qualquer leitor real. Aqueles de nós que são censurados quando mais velhos por ler livros infantis também foram censurados quando crianças por ler livros considerados para mais velhos. Nenhum leitor que se preze anda em obediência a uma tabela etária. (LEWIS, 2020, p. 34)

Também concordamos com o caráter inútil da literatura, essa "[...] arte (em oposição à ciência) feita de palavras [...]", que "[...] tem motivação estética (ou seja, em princípio, não tem utilidade fora buscar o belo, o poético, o lúdico e o prazer do leitor); não é, portanto, utilitária (é "inútil" no sentido de que, objetivamente falando, não serve para nada, nem pretende ensinar nada)" (AZEVEDO, 1999, p. 5). Diante do caráter inútil da literatura, questionamos: dentro das plataformas, que espaço é reservado aos direitos do leitor, de acordo com Pennac, de ler o que quiser? Ou de saborear a literatura em sua plena inutilidade, sem que seja necessário estar "abraçado" à BNCC?

Ressaltamos, ainda, a problematização que Chartier produz ao mencionar que o texto eletrônico provoca mudanças na ordem dos discursos, em que "Todos os textos, seja do gênero que for, são lidos em um mesmo suporte (a tela iluminada) e sob as mesmas formas

(geralmente aquelas decididas pelo leitor)”. Tal prática cria “[...] uma continuidade que não diferencia mais os diversos discursos a partir de uma materialidade própria.” (CHARTIER, 2020, p. 63-64). Ou seja, isso implica para o leitor a “[...] desapareção dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos.” (CHARTIER, 2020, p. 64). Não se diferencia mais uma enciclopédia de um livro de receitas ou de um livro literário. Preocupamo-nos, sobremaneira, com a literatura infantil, em que o contato com a materialidade é essencial para a produção de sentidos, para uma experiência estética e sinestésica na relação com o texto verbo-visual e com o seu suporte e, por fim, para a própria aprendizagem de características que diferenciam e aproximam os variados gêneros textuais.

Entrando nas considerações finais, retomamos duas falas, tanto do Secretário da Educação quanto da diretora do Elefante Letrado, que apontam que não se deseja a substituição ou a disputa com o livro físico, colocando que:

“Não estamos aqui propondo uma mera substituição do livro físico. Não é isso! Nós estamos aqui dando uma oportunidade [...] de dizer aos nossos alunos, aos nossos professores que vocês têm mais uma alternativa a partir desse momento, de qualificação de rede, de qualificação de aprendizagem, de novas oportunidades que cada um vai ter.” (Secretário da Educação)

“[...] O Elefante Letrado não vem disputar espaço na sala de aula ou nos ambientes de aprendizagem com o livro físico. Ele vem se somar, somar aos espaços de letramento no ambiente físico, aos espaços de bibliotecas que são tão importantes, mas a gente não pode negar que, especialmente agora, que nós estamos neste período sem tanta presencialidade, que o recurso do portador de texto digital é fundamental.” (Elefante Letrado)

Concordamos que, naquela situação em que tais plataformas foram adquiridas, durante o período de afastamento social decorrente da pandemia de Covid-19, tais plataformas foram adquiridas como uma alternativa viável para o momento. No entanto, passada essa situação, entendemos que as plataformas digitais de leitura podem apresentar um caráter ambivalente, pois, se por um lado tiveram a potencialidade de auxiliar no período do ensino remoto e

apresentaram aos estudantes um novo formato de leitura, por outro lado não podemos esquecer da importância da materialidade do livro físico, da troca entre estudantes (que fica restrita nas plataformas), da mediação e leitura em voz alta feita pelo professor, enfatizando a defesa de um movimento de leitura que, baseado nos círculos de leitura propostos por Cosson (2020), não é solitário, mas, sim, solidário. Nesse sentido, entendemos que a leitura de literatura feita de forma compartilhada ajuda a romper com uma das características do neoliberalismo: o processo de individualização, que coloca em risco experiências humanas coletivas. Mesmo sendo um recurso complementar, torna-se necessária uma avaliação de todos os elementos que estão envolvidos e que, como vimos nesta análise, estão além de um simples espaço de acesso aos livros e à leitura.

Acreditamos que, embora relevante iniciativa de acesso aos livros, especialmente no contexto pandêmico, o investimento em tais plataformas não deve ser motivo para esquecimento da importância de manusear livros físicos (em especial os infantis) e de fortalecer as bibliotecas escolares que, na rede estadual do Rio Grande do Sul, são motivo de preocupação, pois em muitas escolas o espaço não existe ou está fechado ou em condições precárias e sem a presença do profissional responsável, o bibliotecário.

Se na biblioteca escolar os livros podem ser acessados livremente enquanto estiverem disponíveis e em condições de leitura, nas plataformas, o acesso é renovado mensalmente para um determinado número de licenças (de acordo com o número de estudantes e professores). Isso pode significar que o livro físico é um bem de consumo com maior durabilidade e, talvez, com menor custo para o Estado. Cabe mencionar que uma denúncia feita pelo Ministério Público apontou para a subutilização das plataformas (além de possíveis irregularidades na licitação e no registro de preços), ou seja, o altíssimo investimento não resultou em uma aderência real, pois, das 570 mil licenças, apenas cerca de 17% estavam sendo utilizadas (BECK, 2022). As licenças perdem a validade, e os leitores ficam

sem acesso aos livros digitais/digitalizados. Já o livro físico, após ser incorporado ao acervo da biblioteca, permanece acessível aos leitores por tempo indeterminado.

Como os números são instrumentos amplamente utilizados no contexto estudado, gostaríamos de trazer alguns que dizem um pouco sobre o olhar destinado às bibliotecas das escolas públicas. Dados do Censo Escolar 2021, discutidos pela Frente Parlamentar Estadual em Defesa do Livro e da Leitura, apontam que, das 7.249 escolas gaúchas (âmbito federal, estadual e municipal), 38% não têm biblioteca. Todas as escolas federais contam com biblioteca; nas escolas estaduais, 12% não têm biblioteca; enquanto nas municipais, 51% não possuem o espaço. Esses dados foram apresentados por ocasião de reunião no Congresso Nacional para defender a Lei 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país³¹. Na oportunidade, a presidenta da Frente, deputada Sofia Cavedon, alertou que a Secretaria Estadual de Educação teria omitido o fato de que as bibliotecas estão apenas parcialmente abertas e que os bibliotecários estão ausentes desses espaços. Cabe lembrar que o estado do Rio Grande do Sul ficou por 31 anos sem realizar concurso para bibliotecário, e que os poucos profissionais nomeados no concurso realizado em 2021, segundo Sofia, estão lotados nas Coordenadorias Regionais de Educação e não nas bibliotecas das escolas (RESING, 2022). Em dezembro de 2022, uma notícia (SANDER, 2022) sobre os percalços para o cumprimento da Lei 12.244/2010 apontou que o estado contava com 26 bibliotecários e o município de Porto Alegre (capital do RS), com oito. Esse quadro não reflete um problema restrito ao RS, uma vez que a notícia anteriormente citada também refere que, no contexto nacional, 55,6% das escolas públicas do país não possuem bibliotecas, segundo dados do Censo Escolar 2021.

31 Tal lei previa que, no prazo de 10 anos, todas as escolas públicas e privadas contariam com bibliotecas, compostas por um título por aluno matriculado e com bibliotecário para gerir o espaço. Está tramitando projeto de Lei que altera o prazo de 2020 para 2024.

Em questão de poucos meses, houve um investimento considerável em plataformas de leitura digital, porém, há anos, as bibliotecas escolares aguardam o olhar do poder público. Essas escolhas revelam como o neoliberalismo pode ser entendido como “[...] construção histórica e norma geral da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17), na medida em que conduz e regula ações e condutas em diferentes camadas do tecido social.

O cenário da plataformização reflete também a privatização da gestão educacional no Brasil, a partir da adoção de ferramentas digitais por sistemas públicos de ensino (ADRIÃO; DOMICIANO, 2020). Outro ponto que precisa ser problematizado quando se trata da aproximação entre tecnologia e educação se refere à proteção de dados dos sujeitos envolvidos, visto a denúncia recente de violação de privacidade por sites de apoio escolar que monitoraram e coletaram dados pessoais de alunos durante a pandemia de Covid-19 (HUMAN RIGHTS WATCH, 2023), o que vai de encontro à Lei 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

Não podemos perder de vista que as escolhas realizadas conduzem a efeitos específicos e, na discussão proposta por este texto, entendemos que a problematização do investimento em plataformas digitais de leitura, em detrimento do investimento nas bibliotecas das escolas públicas, por exemplo, nos leva ao questionamento do que será produzido a partir disso: qual leitura? Qual leitor? Foram essas as perguntas que nos acompanharam ao nos debruçarmos sobre a plataformização das práticas de leitura nas análises empreendidas neste texto e que conosco permanecem ao seguirmos pensando sobre o tema da leitura na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Theresa; DOMICIANO, Cassia Alessandra. Novas formas de privatização da gestão educacional no Brasil: as corporações e o uso das plataformas digitais. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 668-684, set./dez. 2020.

AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. **Revista Signos**, Lajeado, v. 20, n. 1, p. 92-102, dez. 1999.

BALL, Stephen J. **Educação Global S. A.**: novas redes de políticas e o imaginário neoliberal. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BALL, Stephen J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 15, n. 2, p. 3-23, 2002.

BECK, Matheus. Secretaria da Educação suspende serviço de plataforma digital de leitura após decisão da Justiça do RS. **G1**, [s. /], 5 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/04/05/secretaria-da-educacao-suspende-servico-de-plataforma-digital-de-leitura-apos-decisao-da-justica-do-rs.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BELLO, Samuel Edmundo López. Numeramentalização: o estudo das práticas e do governo em educação (e) matemática na contemporaneidade. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 2, p. 88-114, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3076>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BELLO, Samuel Edmundo López; TRAVERSINI, Clarice Salette. Saber estatístico e sua curricularização para o governo de todos e de cada um. **Bolema**, Rio Claro, v. 24, n. 40, p. 855-871, dez. 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/3774>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CHARTIER, Roger. A morte do livro? *In*: CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** São Paulo: Letraviva, 2020. p. 47-69.

CONHECIDOS os estudantes vencedores do projeto Elefante Letrado. Erechim: Jornal Bom Dia, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/54247/conhecido-os-estudantes-vencedores-do-projeto-elefante-letrado->. Acesso em: 11 abr. 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDUCAÇÃO premia estudantes leitores mais assíduos das plataformas digitais. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2021/12/educacao-premia-estudantes-leitores-mais-assiduos-das-plataformas-digitais>. Acesso em: 12 abr. 2023.

EM UM MÊS, alunos da rede municipal leram mais de 79 mil livros, em Sapucaia. [S. l.]: Jornal VS, 2 out. 2019. Disponível em: <https://www.jornalvs.com.br/noticias/regiao/2019/10/02/em-um-mes--alunos-da-rede-municipal-leram-mais-de-79-mil-livros-em-sapucaia.html>. Acesso em: 9 abr. 2023.

ESTADO facilita adesão de municípios gaúchos a plataformas educacionais de ensino digital. [Porto Alegre]: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/estado-facilita-adesao-de-municipios-gauchos-a-plataformas-educacionais-de-ensino-digital>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FIGUEIREDO, Mercia; PAZ, Tatiana; JUNQUEIRA, Eduardo. Gamificação e educação: um estado da arte das pesquisas realizadas no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 4, 2015, Maceió. **Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação**. Maceió: [s. n.], 2015. p. 1154.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GOVERNO disponibiliza acervo literário digital para alunos e professores nas aulas remotas. [Porto Alegre]: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/governo-disponibiliza-acervo-literario-digital-para-alunos-e-professores-nas-aulas-remotas>. Acesso em: 15 mar. 2023.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Brasil**: ferramentas de educação online coletam dados de crianças. [S. l.: s. n.], 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2023/04/03/brazil-online-learning-tools-harvest-childrens-data>. Acesso em: 10 abr. 2023.

KIRCHOF, Edgar Roberto; MELLO, Darlize. Letramento literário e digital: as bibliotecas digitais para crianças e o caso do Elefante Letrado. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 22, n. 36, p. 36-52, mar. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3895/rl.v22n36.11757>. Acesso em: 21 abr. 2023.

LEWIS, C. S. **Como cultivar uma vida de leitura**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MALINI, Fabio. A plataformização da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda; São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2021. p. 134-143.

MELO, Camila Alves de. **Bookstagram & BookTube**: efeitos de condução da conduta leitora a partir dos compartilhamentos entre influenciadores literários e seus seguidores. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan./abr. 2020.

POPKEWITZ, Thomas; LINDBLAD, Sverker. Estatísticas educacionais como um sistema de razão: relações entre governo da educação e inclusão e exclusão sociais. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 75, p. 111-148, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000200008>. Acesso em: 22 abr. 2023.

RESING, Marta. Em Brasília, deputada Sofia pede a reabertura das Bibliotecas Escolares. **Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://www4.al.rs.gov.br/noticia/329814>. Acesso em: 10 abr. 2023.

ROSE, Nikolas. Governing by numbers: figuring out democracy. **Accounting, Organizations And Society**, [s. l.], v. 16, n. 7, p. 673-692, jan. 1991.

ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 155-164, ago. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANDER, Isabella. Prevista para 2020, universalização das bibliotecas escolares esbarra na contratação de profissionais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 8 dez. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2022/12/prevista-para-2020-universalizacao-das-bibliotecas-escolares-esbarra-na-contratacao-de-profissionais-clbfh65v002j0170tykluj7a.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SPERRHAKE, Renata. **O dispositivo da numeramentalidade e as práticas avaliativas:** uma análise da Avaliação Nacional da Alfabetização. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/151630>. Acesso em: 8 abr. 2023.

SPERRHAKE, Renata; BELLO, Samuel Edmundo López. O dispositivo de Numeramentalidade: uma ferramenta conceitual, metodológica e analítica de inspiração foucaultiana. **Horizontes**, Itatiba, v. 37, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.773>. Acesso em: 14 abr. 2023.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society:** public values in a connective world. New York: Oxford University Press, 2018.